

Fernando Molica

A corajosa folia carioca deu lições aos políticos

Nascidas de favelas vizinhas na região de São Cristóvão, as escolas de samba Mangueira e Paraíso do Tuiuti tiveram a coragem de levar para o Sambódromo causas que contrariam a onda conservadora que ameaça afogar boa parte das conquistas civilizatórias.

A Estação Primeira não apenas resgatou a cultura banto presente no Rio de Janeiro, tratou de fazer ligação entre a herança desses povos com o presente e o futuro, mostrou como o apagamento de tantas tradições é resultado de um projeto de poder que procura manter e renovar formas de dominação.

O açoite que encontrava seu lugar no lombo dos escravizados virou a bala disparada, principalmente, na direção de corpos de negros. O enredo da Mangueira ressaltou o povo banto que floresce nas vielas das favelas, que há uma dívida imensa a ser resgatada.

O Tuiuti foi ainda mais ousado ao adotar como enredo a história de Xica Manicongo, tida como a primeira travesti não indígena da história do Brasil. Seria

impensável imaginar, há alguns poucos anos, que uma escola de samba do Grupo Especial apresentasse um tema que mexe tantos preconceitos — a causa trans demorou para entrar na pauta até mesmo de muitos movimentos de defesa de homossexuais.

A associação entre travestis e prostituição — algo reforçado pela dificuldade dessas mulheres no mercado de trabalho formal — contribuía para o aumento do preconceito. A dualidade presente num corpo originalmente masculino transformado em feminino ainda amedronta muita gente.

De uma maneira menos contraditória do que complementar, são corpos que mexem com desejos negados e combatidos, que muitas vezes emergem numa violência nascida da repressão, válvula de escape encontrada pelo agressor. Socos e chutes ligados à lógica do “Proteja-me do que quero”, uma das frases projetadas em locais públicos pela artista plástica norte-americana Jenny Holzer, que mostrou seu trabalho no Rio no fim dos anos 1990.

O Tuiuti ressaltou algo que deveria ser visto como simples: um ser humano é um ser humano, independentemente de suas características. Um princípio que, porém, tem sido cada vez mais acompanhado de exceções.

A imagem de Pixulé — puxador/intérprete do samba do Tuiuti — travestido, maquiado, com unhas longas, é uma das mais representativas do Carnaval.

Ele ali não representava uma caricatura de travestis, mas incorporava um desafio, o de se vestir de mulher para se adequar ao enredo. Não é pouco, num universo tão machista quanto o do samba — que, olha a contradição aí, gente! — é também um dos poucos que, historicamente, dá poder a homossexuais. É só ver a quantidade de carnavalescos gays presentes nas escolas.

Os exemplos de Tuiuti e Mangueira reforçam também a covardia dos políticos que, assustados pela pauta conservadora de inspiração religiosa, buscam conciliar com o que é não pode ser admitido. É legítimo e, mesmo, necessá-

rio, gerar discussões sobre modelos econômicos, maior ou menor presença do Estado na economia, mais ou menos impostos.

Mas não se pode transigir com a intolerância a direitos básicos de cada um de nós, o que também inclui a expressão religiosa. O medo do enfrentamento revela oportunismo e complicidade com a opressão. A extrema direita só conseguiu vitórias, no Brasil e em outros países, por ter insistido em suas pautas, no convencimento dos cidadãos.

O aumento, nos últimos anos, dos enredos lastreados na religiosidade de origem africana está diretamente ligado à violência sofrida por candomblecistas e umbandistas.

Nascidas nos quilombos urbanos das favelas, sabedoras da herança do preconceito e da discriminação, as escolas entenderam que não poderiam ficar caladas. Agora, dão passos à frente e tratam de abrir espaço para uma política que, por covardia institucional, tenta escapar de suas próprias causas.

EDITORIAL

Carnaval, uma festa religiosa e cultural

A Beija-Flor é a grande campeã do carnaval do Rio de Janeiro e Rosas de Ouro venceu em São Paulo. As duas com enredos bem distintos. Enquanto a carioca enalteceu seu ex-diretor de carnaval Laíla, morto em 2021, a paulistana falou sobre a influência dos jogos na humanidade. Propostas ousadas e que foram muito bem apresentadas na Sapucaí e no Anhembi. Porém, o grande marco não ficou pelos títulos, e sim por uma entrevista.

As críticas de Paulo Barros sobre os enredos das escolas de samba do Rio de Janeiro, cuja maioria se inspirou nas ideologias afrodescendentes e no sincretismo religioso de umbanda e candomblé, pode ser considerado o desabafo de um carnavalesco que se inspira na ousadia e na inovação de suas alegorias e adereços, com histórias fantasiosas e folclóricas para fazer seus desfiles. Porém, não se pode negar que a maioria das escolas vêm de comunidades e que suas quadras têm o “bataque” como força.

A frase de Milton Cunha, grande entusiasta do carnaval e uma pessoa que conhece bem a história da festa, sobre a questão de Exu e Ogum estarem presentes nos sambas-enredos, e não ou-

tros temas, não é para menos. E sim para pensarmos e refletirmos exatamente como é a realidade de grande parte dos diretores das escolas e das próprias escolas.

O carnaval, por sua origem e mitologia, é uma festa pagã, já que depois de sua celebração vem a Quaresma, a preparação da Igreja. Com isso, ela é caracterizada como uma festa para os cristãos exaltarem suas impurezas na carne, antes de fazer o jejum e a limpeza espiritual para celebrar a morte de Cristo.

Com o passar do tempo, a festa ganhou ares comerciais e turísticos, com blocos de rua servindo de atração para os visitantes em diversos estados do país. Além, claro, das escolas de samba, com destaque para Rio de Janeiro e São Paulo. A festa pode, para alguns, ainda ser considerada pagã, mas também pode ser a exaltação das diversas culturais nacionais e da história do povo brasileiro.

Por isso, criticar os enredos afroreligiosos das escolas pode ser até uma demagogia, já que, no Rio, a grande vencedora foi uma escola que exaltou seu grande mestre, um grande religioso das culturas africanas e que fora muito respeitado em seu meio, mesmo com sua religiosidade à mostra.

Aristóteles Drummond

O criminoso cerco às privatizadas

Os movimentos das diferentes esquerdas encontraram um ponto comum, que é a demonização das empresas privatizadas ou mesmo de controle compartilhado, como é o caso da Brasken.

O cerco no setor elétrico, por exemplo, tem por base as falhas ocorridas na distribuição com algumas empresas com baixos índices de qualidade na prestação dos serviços. Embora o desempenho seja sofrível, os prejuízos são dos acionistas e não do erário, como antes, e parte do mal desempenho se deve ao agravamento da questão da segurança pública e às dificuldades operacionais nas

zonas com forte influência do crime organizado. Ocorrências limitadas às principais capitais, como Rio e São Paulo, e regiões metropolitanas.

No caso da Braken, como na Vale, a dimensão de gastos decorrentes de acidentes ambientais tem sido enorme e, mesmo assim, parece não saciar a pressão da ala esquerdista do Judiciário, com ampla cobertura de políticos de esquerda ou mero populismo para indenizações sem fim. Ambas as empresas são relevantes em nossa economia. E na Eletrobrás uma perigosa revisão do que constou no edital da privatização pode in-

viabilizar futuras privatizações. Ao invés de querer aumentar sua presença no setor elétrico, o governo deveria estar mais preocupado em liberar obras de Angra III e novas usinas, como Cotingo, em Roraima.

O atraso no resgate do setor do saneamento, ainda sob gestão de estados e municípios, agrava a questão da saúde pública e mantém empresas viciadas na gestão temerária. Investimento em água e esgoto se reflete na qualidade de vida e na saúde da população.

A incapacidade de lidar com o setor privado como parceiro é flagrante nas concessões antigas, como a Rio-Juiz de Fora.

É inacreditável que a questão da subida da serra de Petrópolis, corredor que liga o Rio ao Nordeste, Minas e Centro-oeste, seja uma vergonha. Nem um presidente com mandatos pelo Rio, e filhos, destravou a obra parada. E é urgente.

O presidente Lula, aos 79 anos, interessado em um bom mandato e até sonhando com a reeleição, deveria perceber que, sem estimular o investimento privado, vai ter um final triste neste mandato que o destino lhe proporcionou.

Não perceber que Cuba e Venezuela não são modelos para imitar mais sim para evitar.

OUTRAS PÁGINAS NO BRASIL E NO MUNDO

José Aparecido Miguel (*)

Xeque dos Emirados Árabes promete trazer R\$ 100 bilhões ao Brasil e reurbanizar favelas no Rio

1-REURBANIZAÇÃO DE FAVELAS E DINHEIRO PARA O BRASIL. Xeque dos Emirados Árabes promete trazer R\$ 100 bilhões ao Brasil e reurbanizar favelas. Gestor de fundo apresentou plano de desenvolvimento de infraestrutura na Baixada Fluminense. Por Carlos Eduardo Valim. Para o presidente Lula e o governador do Rio de Janeiro, gestor de fundo que ajudou na construção dos Emirados Árabes Unidos apresentou plano de desenvolvimento de infraestrutura na Baixada Fluminense, com metrô e trens, que pode movimentar US\$ 19 bilhões. (...) (O Estado de S. Paulo) O CEO (Diretor Executivo) do Abu Dhabi Investment Group (ADIG), o

xeque Zayed Bin Rashid Bin Aweidha Al Qubaisi, esteve no Brasil no final de 2024 para uma série de reuniões com autoridades brasileiras, incluindo o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL). Com informações do Estadão. Durante o encontro com Lula, o xeque apresentou uma proposta de investimentos que podem ultrapassar os R\$ 100 bilhões. Entre os setores previstos para receber aportes estão a restauração de pastagens, o desenvolvimento industrial, a exportação de produtos agrícolas, projetos de infraestrutura e até mesmo na defesa. A promessa de criação de um fundo com esse valor foi concretizada por meio de

um anúncio em Miami, nos Estados Unidos, no último dia 15. Já em sua conversa com Castro, o CEO -Diretor Executivo- do ADIG apresentou um plano de investimentos em transportes e reurbanização de favelas na Baixada Fluminense e São Gonçalo, além de expandir a Linha 4 do Metrô. Segundo estimativa preliminar, o projeto pode exigir investimentos de até US\$ 19 bilhões (aproximadamente R\$ 112 bilhões). (...) (Diário do Centro do Mundo)

2-MORRE RICARDO PAOLETTI no dia 2 de março de 2025. Na década de 1980, Paolletti foi jornalista do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, “par-

ticipando ativamente da construção de uma imprensa sindical vibrante, politizada e participativa. Ele foi, mais recentemente, assessor de imprensa da Fepes (Federação dos Professores do Estado de São Paulo) e também atuou em veículos de comunicação (TV Cultura, IstoÉ, Agência Folha, Gazeta Mercantil e outros). Paolletti, nos últimos anos, estava aposentado e morava em Santos. (...) Força Sindical)

(*) José Aparecido Miguel, jornalista, diretor da Mais Comunicação-SP, trabalhou em todos os grandes jornais brasileiro - e em todas as mídias. E-mail: jmigueljb@gmail.com

Opinião do leitor

É do Brasil

Parabéns ao filme “Ainda Estou Aqui” por conquistar o Oscar de Melhor Filme internacional! Uma vitória histórica que destaca o talento brasileiro e a importância de relembrarmos nossa história. Orgulho nacional!

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: OPOSIÇÃO ACUSA FRAUDE ELEITORAL EM DIVERSOS ESTADOS

As principais notícias do Correio da Manhã em 6 de março de 1930 foram: Por 316 a 260, Congresso francês aprova a equipe mi-

nisterial de Henri Quielle. França segue em luto pela forte chuva e preocupação maior está em Moissac, onde um dique se rompeu. Go-

vernador interino do Rio Grande Sul declara, em carta a Washington Luís, que houve fraude nas eleições em diversos estados do país.

HÁ 75 ANOS: ESTUDANTES FAZEM COMÍCIOS PRÓ-EDUARDO NO INTERIOR

As principais notícias do Correio da Manhã em 6 de março de 1950 foram: Georges Bidault faz nova consulta ao parlamento para

continuar no governo e resolver a greve geral na França. Tito organiza a defesa da Iugoslávia. Estudantes pró-brigadeiro Eduardo Gomes fa-

zem vários comícios no interior do Rio. Câmara aprova que mandato pertence ao parlamentar e não ao partido.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Carlos Martins, Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor) e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.